



Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu*
Especialização em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação
Campus Nilópolis

Aline Carla Marques

BONECA ABAYOMI: cultura afro-brasileira nas escolas

Nilópolis – RJ

2019

Aline Carla Marques

BONECA ABAYOMI: cultura afro-brasileira nas escolas

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Linguagens Artística, Cultura e Educação.

Orientador: Fernando Ribeiro Gonçalves Brame

Nilópolis - RJ
2019

Aline Carla Marques

BONECA ABAYOMI: cultura afro-brasileira nas escolas

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Especialista em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação.

Data de aprovação: 10 de dezembro de 2019.

Prof. Dr. Fernando Ribeiro Gonçalves Brame
(orientador/IFRJ)

Profa. Dra. Ângela Maria da Costa e Silva Coutinho
(IFRJ)

Profa. Dra. Fernanda Delvalhas Piccolo
(IFRJ)

Nilópolis - RJ
2019

*Aos meus pais, Maria Antonia e Jorge,
que me criaram com todo carinho e não
mediram esforços para que eu chegasse até aqui.*

AGRADECIMENTOS

A minha amada família, que sempre esteve ao meu lado em todas as etapas, contribuindo e fortalecendo para o crescimento do meu ser. Meus pais, Maria Antonia e Jorge que sempre me apoiaram; minhas queridas irmãs, Janine, Janice e Jeane que me deram forças para que eu não desistisse; as crianças da minha vida, Evelyn, Pietro, Caio e Alícia que dão significado à minha existência e a maravilhosa Maria que está presente em todos os momentos.

Meu eterno agradecimento as minhas amigas, Andressa Lacerda, Clariana Castro, Gabriela Alves e Thais Castro, que deram contribuições estimadas para a produção desta pesquisa. Obrigada pelo conforto, pelo apoio, pelo carinho e pelas palavras de incentivo. Sem vocês a realização desse sonho não seria possível.

Aos meus amigos do LACE 2018, Rômulo Vieira, Adriana Carneiro, Giselli Ribeiro, Nathália Oliveira e Raphael Baêta. Somos o LACE que deu certo! Com amor, arte e resistência vencemos com muita dignidade esta etapa, gratidão.

Aos meus alunos do sétimo ano que tornaram esta pesquisa possível. Obrigada por me ensinarem a ser uma professora melhor. Vocês foram fundamentais para a minha formação.

Agradeço a todos meus professores do LACE, especialmente ao meu orientador Fernando Brame que nunca desistiu da minha pesquisa e sempre me motivou com suas palavras. Manifesto aqui minha eterna gratidão por compartilhar seu tempo e sua sabedoria.

Agradeço à Educação Pública, que me proporcionou a chance de expandir meus horizontes. Obrigada pelos professores incríveis que fizeram parte da minha jornada.

MARQUES, Aline. *Boneca Abayomi: cultura afro-brasileira nas escolas*. 60 –p. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFEJ), campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2019.

RESUMO

O Brasil é um país que possui uma grande variedade cultural. No entanto, os espaços educacionais nem sempre trabalham as diferentes culturas que estão presentes na sociedade. O propósito desta pesquisa foi investigar formas de trabalhar, em turmas de sétimo ano de uma escola particular, do bairro da Penha Circular, na Zona Norte do município do Rio de Janeiro, as questões raciais a partir da boneca Abayomi. Para a produção da pesquisa bibliográfica foram consultados trabalhos sobre: racismo (SILVÉRIO, 1999); a distinção sobre o conceito de preconceito, discriminação e racismo (COSTA E OLIVEIRA, 2016); entendimento do racismo como construção social (FREIRE, 2001); a definição de raça (DAMATTA, 1997); o significado de cultura e a não existência de uma hierarquização das culturas (DAMATTA, 1986); a visão do afro-brasileiro como inferior (SEYFERTH, 1994); escola como espaço de relações socioculturais (GOMES, 1996); questões raciais pertinentes aos espaços educacionais (GOMES, 1996); os Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural (BRASIL, 1997); a orientação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei 9.394 (BRASIL, 1996); a instrução da Lei 11.645 (BRASIL, 2008); trabalho sobre cultura afro-brasileira na escola como estratégia para minimizar o racismo (BOTELHO, 2007); bonecas Abayomis como ação didática (COSTA; RODRIGUES; SANTOS e SILVA, 2015) a origem da palavra “Abayomi” (DAVID, KNAUT E RIBAS, 2015); e a relevância da boneca Abayomi para o ensino da cultura afro-brasileira (CRUZ E SILVA, 2012). Foram desenvolvidas distintas atividades com a boneca Abayomi.

Palavras-chave: Boneca Abayomi. Escola. Racismo.

MARQUES, Aline. *Boneca Abayomi: cultura afro-brasileira nas escolas*. 60–p. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação, Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFEJ), campus Nilópolis, Nilópolis, RJ, 2019.

RESUMEN

Brasil es un país que tiene una gran variedad cultural. Sin embargo, los espacios educativos no siempre trabajan con las diferentes culturas que están presentes en la sociedad. El propósito de esta investigación fue investigar formas de trabajar, en clases de séptimo grado de una escuela privada, en el vecindario de Penha Circular, en la Zona Norte de Río de Janeiro, los problemas raciales con la muñeca Abayomi. Para la producción de investigación bibliográfica, se realizaron consultas sobre: racismo (SILVÉRIO, 1999); la distinción sobre el concepto de prejuicio, discriminación y racismo (COSTA E OLIVEIRA, 2016); comprensión del racismo como construcción social (FREIRE, 2001); la definición de raza (DAMATTA, 1997); el significado de la cultura y la inexistencia de una jerarquía de culturas (DAMATTA, 1986); la visión afrobrasileña como ser inferior (SEYFERTH, 1994); la escuela como espacio de relaciones socioculturales (GOMES, 1996); cuestiones raciales pertinentes a espacios educativos (GOMES, 1996); Parámetros Curriculares Nacionales: Pluralidad Cultural (BRASIL, 1997); la orientación de las Directrices Nacionales de Educación y la Ley de Bases, Ley 9.394 (BRASIL, 1996); la instrucción de la Ley 11.645 (BRASIL, 2008); trabajar en la cultura afrobrasileña en la escuela como estrategia para minimizar el racismo (BOTELHO, 2007); Muñecas Abayomis como acción didáctica (COSTA; RODRIGUES; SANTOS y SILVA, 2015) el origen de la palabra "Abayomi" (DAVID, KNAUT Y RIBAS, 2015); y la relevancia de la muñeca Abayomi para enseñar cultura afrobrasileña (CRUZ E SILVA, 2012). Se desarrollaron diferentes actividades con la muñeca Abayomi.

Palabras clave: Muñeca Abayomi. Escuela. Racismo.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1.1 Boneca Aayomi.	16
Figura 1.2 tirinha do Armandinho, personagem de Alexandre Beck.	22
Figura 1.3 material para fazer a boneca Abayomi	24
Figura 1.4 tecido para o corpo da boneca	25
Figura 1.5 tecido com nó para fazer o corpo da boneca	25
Figura 1.6 corpo da boneca	25
Figura 1.7 corpo da boneca finalizado	26
Figura 1.8 mãos e pés da boneca	26
Figura 1.9 tecido para roupa da boneca	26
Figura 1.10 boneca Abayomi finalizada com roupa	27
Figura 1.11 livro “Vida que voa”	27
Figura 1.12 Abayomi feita para uma premiação	28
Figura 1.13 vovó Abayomi	28
Figura 1.14 mini Abayomi	28
Figura 1.15 bebê Abayomi no berço	29
Figura 1.16 Lena Martins	29
Figura 1.17 oficina de bebê Abayomi	29
Figura 1.18 bebê Abayomi	29
Figura 1.19 Agradecimento à Lena Martins	30
Figura 3.1 ilustração da Abayomi 1	47
Figura 3.2 ilustração da Abayomi 2	47
Figura 3.3 ilustração da Abayomi 3	47

Figura 3.4 ilustração da Abayomi 4	47
Figura 3.5 ilustração da Abayomi 5	48
Figura 3.6 ilustração da Abayomi 6	48
Figura 3.7 ilustração da Abayomi 7	48
Figura 3.8 ilustração da Abayomi 8	48
Figura 3. 9 tv com a Abayomi	56
Figura 3.10 boneca Abayomi feita pelos alunos	57
Figura 3.11 Abayomis feita pelos alunos	57

LISTA DE TABELAS

2.1 Atividades com a boneca Abayomi

15

SUMÁRIO

REFLEXÕES INICIAIS	11
CAPÍTULO 1. METODOLOGIA	13
1.1 CONTRATEMPO	29
CAPÍTULO 2. REFERENCIAL TEÓRICO	32
CAPÍTULO 3. CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS	39
3.1 PESQUISA E DABETE: PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E RACISMO	39
3.2 QUESTIONÁRIO	42
3.3 PESQUISA: BONECA ABAYOMI	44
3.4 ESCRITA E ILUSTRAÇÃO	45
3.5 ATIVIDADE: GRIOT	49
3.6 ATIVIDADE: INTERPRETAÇÃO	53
3.7 ATIVIDADE: ENTREVISTA	54
3.8 ATIVIDADE: CULMINÂNCIA	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	59

REFLEXÕES INICIAIS

O presente trabalho de conclusão de curso foi realizado no ano de 2019. Ele apresenta o desenvolvimento e as reflexões do projeto: Abayomi na escola. Esse projeto foi composto por nove atividades que foram feitas na disciplina de Língua Portuguesa em uma turma de sétimo ano. Durante cinco meses, dezesseis alunos, que possuíam entre doze e treze anos de idade, participaram do desenvolvimento das atividades. As tarefas abordavam sobre a valorização da cultura afro-brasileira, através da boneca Abayomi, como forma de colocar em prática a *Lei 11.645* (BRASIL, 2008) e diminuir o racismo no espaço educacional.

O espaço escolar é um ambiente de socialização que possui, como um dos seus deveres, abordar a diversidade cultural na sociedade. O Brasil é um país que possui, em sua essência uma diversidade cultural consequente de grandes influências de pessoas de distintos lugares do mundo. A multiculturalidade também é resultado do processo da sua colonização. Essa grande variedade é refletida na escola, contudo, em geral, não é trabalhada dentro das salas de aula.

O projeto Abayomi foi realizado em uma turma de sétimo ano de uma escola particular, do bairro Penha Circular, que está localizada na Zona Norte do município Rio de Janeiro. A motivação do trabalho foi pensar em uma forma criativa e dinâmica de aplicar a Lei 11.645 (BRASIL, 2008), sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. A determinação consiste em implementar, no ensino fundamental e no ensino médio, tanto público como privado, o estudo da história e das culturas afro-brasileira e indígena. A Lei precisa ser aplicada em todos os seus parâmetros, trabalhando-se e valorizando-se a identidade com autoestima. A pesquisa também foi impulsionada a partir do comportamento pejorativo que os alunos da autora deste trabalho estavam demonstrando em relação às pessoas negras.

Esta pesquisa encontrou formas de trabalhar a cultura afro-brasileira através da boneca Abayomi. Esse artefato não possui demarcação no rosto e nem um tipo de costura. Ele é feito com tranças e nós, simbolizando a resistência negra. O objeto foi criado pela artesã Lena Martins em 1987. A criadora nasceu em São Luiz do Maranhão e, na época, participava do movimento negro de mulheres. No entanto, outras versões sobre a origem da boneca se

popularizaram na internet. A professora abordou sobre essas histórias, mas trabalhou, com os discentes, a versão da Lena Martins.

O problema que permeou o trabalho foi pensar: “De que maneira é possível trabalhar, em turmas de sétimo ano de uma escola particular da Zona Norte do Rio de Janeiro, as questões raciais a partir da boneca Abayomi?”. Possuindo como base para refletir as atividades, o objetivo geral foi investigar as possibilidades dessa forma de trabalhar as questões raciais a partir do artefato criado pela artesã Lena Martins.

Os objetivos específicos que tangeram o trabalho foram: compreender o que os discentes entendiam como preconceito, discriminação e racismo; entender o conceito de racismo, mostrando como está presente na sociedade; apresentar que o Brasil possui diferentes raízes culturais, mas ainda existe uma desvalorização da cultura afro-brasileira; refletir a importância das *Leis 9.394* (BRASIL, 1996) e *11.645* (BRASIL, 2018); pesquisar a origem da boneca Abayomi e investigar maneiras de trabalhar a boneca Abayomi em sala de aula.

Para a produção da pesquisa bibliográfica foram consultados trabalhos sobre: racismo (SILVÉRIO, 1999); a distinção sobre os conceitos de preconceito, discriminação e racismo (COSTA E OLIVEIRA, 2016); entendimento do racismo como construção social (FREIRE, 2001); a definição de raça (DAMATTA, 1997); o significado de cultura e a não existência de uma hierarquização das culturas (DAMATTA, 1986); a visão do afro-brasileiro como inferior (SEYFERTH, 1994); escola como espaço de relações socioculturais (GOMES, 1996); questões raciais pertinentes aos espaços educacionais (GOMES, 1996); os Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural (BRASIL, 1997); a orientação da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, Lei 9.394 (BRASIL, 1996); a instrução da Lei 11.645 (BRASIL, 2008); trabalho sobre cultura afro-brasileira na escola como estratégia para minimizar o racismo (BOTELHO, 2007); bonecas Abayomis como ação didática (COSTA; RODRIGUES; SANTOS e SILVA, 2015) a origem da palavra “Abayomi” (DAVID, KNAUT E RIBAS, 2015); e a relevância da boneca Abayomi para o ensino da cultura afro-brasileira (CRUZ E SILVA, 2012).

A metodologia consistiu em aplicação de atividades que trouxessem a reflexão acerca do preconceito, da discriminação e do racismo. Foram desenvolvidos trabalhos com a boneca Abayomi, valorizando a cultura afro-brasileira. Os dados primários foram coletados através de uma pesquisa de campo. Os resultados foram tratados de forma qualitativa.

A pesquisa está dividida em três capítulos: no primeiro apresenta a metodologia que foi desenvolvida; no segundo mostra o referencial teórico; no terceiro exhibe a análise dos dados. A pesquisa também conta com conclusão da escrita.

Com o desenvolvimento do trabalho, pode-se observar que os alunos não sabiam que algumas ações que estavam tendo eram pejorativas. Os discentes compreenderam também que caçar de características étnico-raciais das pessoas é considerado racismo.

CAPÍTULO 1. METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica com a finalidade de investigar formas de trabalhar, em turmas de sétimo ano de uma escola particular da Zona Norte do Rio de Janeiro, as questões raciais a partir da boneca Abayomi.

O trabalho foi aplicado em uma escola particular localizada no bairro da Penha Circular que se encontra na Zona Norte do Rio de Janeiro. O colégio foi fundado no ano de 1999, mas só três anos depois o ensino fundamental II foi iniciado. O instituto educacional também é composto por uma creche no qual os responsáveis podem deixar as crianças entre o período de 7h às 19h.

A escola atende um público que se esforça para manter seus filhos na rede privada, pois acredita que os alunos não aprendem na rede pública. Os responsáveis pelos estudantes possuem funções no trabalho como: empregada doméstica, secretária, porteiro, professora. Nas reuniões escolares, os adultos sempre reforçam que a mensalidade é paga com muito esforço e que isso é uma forma de mostrar quanto os filhos são importantes, pois estão investindo na educação deles.

A turma que participou da pesquisa é composta por dezesseis alunos, entre doze e treze anos de idade, que estão cursando o sétimo ano do ensino fundamental II. O grupo possui discentes com diferentes realidades. Alguns são criados por outros membros da família como: avó, tia ou irmã. Outros convivem com os pais ou só com a mãe. Uma parte dos estudantes possui condições financeiras mais favoráveis que outros alunos. Todos vivem próximo ao colégio, mas alguns discentes moram dentro da favela, o que ocasiona algumas faltas em decorrência das operações constantes da polícia. As falas dos estudantes aparecem entre aspas na análise dos dados.

O grupo foi, previamente, selecionado, pois a docente já havia dado aula para essa turma no sexto ano do ensino fundamental II e notou que alguns estudantes reproduziam atitudes pejorativas referindo-se a pessoas negras. Então, a pesquisa foi desenvolvida para trabalhar questões raciais a partir da boneca Abayomi, que é uma herança da cultura afro-brasileira. A professora desenvolveu uma pesquisa descritiva, criando e aplicando um projeto, intitulado como “Abayomi na escola”, que possui distintas atividades. Os resultados da pesquisa foram tratados de forma qualitativa. A docente que realizou a pesquisa é professora de Língua Portuguesa da turma. Ela dá aula dois dias na semana (segunda-feira e quarta-feira)

para o grupo. São três tempos de cinquenta minutos em cada dia, totalizando seis tempos semanais.

Tabela I: Atividades com a boneca Abayomi

Atividade	Dias	Descrição
1- Pesquisa	1º	Pesquisa individual sobre os temas: preconceito, racismo e discriminação.
2- Debate	2º, 3º, 4º e 5º	Debate sobre os temas: preconceito, racimo e discriminação.
3- Questionário	6º	Questionário sobre: preconceito, discriminação e racismo. Respondendo individualmente.
4- Pesquisa Abayomi	7º e 8º	Pesquisa sobre a imagem da boneca Abayomi e apresentação da história do artefato
5- Redação e ilustração	9º	Redação a partir do tema “Boenca Abayomi” e ilustração da narrativa criada.
6- <i>Griot</i>	10º, 11º, 12º, 13º e 14º	Apresentação do tema griot e criação de <i>griots</i> em grupo.
7- Interpretação textual	15º	Leitura e interpretação de textos em que aparecem a boneca Abayomi.
8- Entrevista	16º e 17º	Apresentação das características do gênero textual entrevista e criação das perguntas para Lena Martins.
9- Culminância	18º	Apresentação lúdica dos griots criados e oficina de Abayomi.

A primeira atividade (primeiro dia) do projeto foi uma pesquisa para realizar em casa. O objetivo era fazer com que os estudantes conhecessem e distinguíssem o conceito de algumas palavras. Os discentes receberam três temas (preconceito, discriminação e racismo) e buscaram o seu significado, individualmente, fora da escola. As anotações da tarefa foram escritas no caderno de Língua Portuguesa e levadas para aula seguinte pelos alunos. A segunda atividade (segundo, terceiro, quarto e quinto dias) foi um debate sobre o resultado encontrado no dever de casa. Primeiro, foi abordado o tema preconceito, depois a discriminação e, posteriormente, o racismo. Os debates ocorreram em dias seguidos.

A terceira atividade (sexto dia) foi um questionário que continha quatro perguntas. Os alunos receberam uma folha com as indagações e responderam sem se identificar e sem comentar com os outros o que escreveram. O intuito era conhecer mais sobre o que os alunos presenciaram e fazê-los refletir sobre questões que tangem a sociedade. As perguntas eram: “Já sofreu algum tipo de preconceito racial?”; “Já presenciou alguma atitude racista?”; “Em relação à nossa sociedade, você percebe diferenças no tratamento dado às pessoas brancas e às pessoas negras? Comente.” e “Em sua opinião, que fatores contribuem para a existência de um número reduzido de negros nas universidades e em algumas áreas técnicas, científicas e administrativas?”.

Na quarta atividade (sétimo e oitavo dias), os discentes receberam no final da aula uma imagem da boneca Abayomi. Não foi apresentado o nome e nem a história do artefato. Os alunos pesquisaram com os familiares e os vizinhos a figura recebida. O objetivo era saber se os discentes e/ou alguém relacionado a eles conheciam a boneca. Na aula seguinte, eles trouxeram o resultado e apresentaram à professora.



Figura 1.1 Boneca Abayomi.

Após exibirem o desfecho da tarefa de casa, a docente contou a história da criação da boneca Abayomi, abordando sobre Lena Martins que criou o artefato em 1987. A professora falou também sobre duas versões que são populares na internet, mas enfatizou que a boneca foi gerada pela artesã mencionada. As versões mostradas aos estudantes foram: (1) Lena Martins, de São Luís do Maranhão, produziu a boneca Abayomi em 1987. A criadora participava do movimento negro de mulheres e sentiu a necessidade de fazer bonecas pretas; (2) a versão que a boneca Abayomi foi criada por mães africanas com o objetivo de acalmar as crianças que choravam nos navios negreiros. As mães, percebendo o desespero dos seus filhos, rasgavam retalhos das suas vestimentas e faziam as bonecas e (3) a versão que ao chegar ao Brasil, as famílias e os grupos étnicos eram separados. Dessa forma, seriam desfeitos os laços internos de cada grupo com as suas origens. As bonecas Abayomis eram um presente feito pelas mães escravizadas para que os filhos não se sentissem abandonados.

Posteriormente, a docente conversou sobre as narrativas apresentadas. Em seguida, levantou, oralmente, as seguintes questões: “Existe relação entre o que foi pesquisado e as histórias abordadas?”; “Quem não conhece a boneca Abayomi?”; “Por que não conhecemos a boneca Abayomi” e “A boneca Abayomi pertence à cultura afro-brasileira? Por quê?”.

Na quinta atividade (nono dia), os alunos escreveram uma história a partir do tema “Boneca Abayomi”. A redação foi escrita em uma folha separada. Fizeram, em casa, uma ilustração, em um papel de ofício branco, da narrativa elaborada. As tarefas foram guardadas pela docente, pois foram expostas no dia da culminância do projeto. O objetivo da professora era estimular à escrita e a criatividade, abordando o conteúdo que estava sendo trabalhado.

Na sexta atividade (décimo, décimo primeiro, décimo segundo, décimo terceiro e décimo quarto dias), a educadora apresentou para os estudantes um texto que foi publicado em 2013, pelo portal do “Por dentro da África”, que exibia o conceito de *griot*. Ela entregou uma folha com o texto impresso para cada aluno. Eles colaram no caderno de Língua Portuguesa e fizeram a leitura junto com os colegas. O texto apresentado foi:

Texto I

“Somos mediadores da sociedade e utilizamos a palavra como o principal instrumento”, diz griot

Autora: Natalia da Luz

Eles são os porta-vozes da história e cultura de regiões onde as palavras contadas criam os valores e a identidade de um povo. Respeitados pelas sociedades africanas, os griots mantêm vivos os costumes de uma época onde as memórias auditiva e visual eram os únicos recursos de que dispunham para a transmissão do conhecimento. Apesar dos avanços da escrita e da tecnologia, o papel deles não ficou obsoleto, permanece vivo.

O griot é um mediador dentro da sociedade; ele resolve conflitos e leva a calma. Ele é músico, cantor, contador de histórias, dançarino, um organizador das cerimônias sociais que utiliza a palavra como seu principal instrumento – contou em entrevista exclusiva ao Por dentro da África o griot Hassane Kouyaté. Natural de Burkina Faso, país da África Ocidental, o muçulmano, diretor de teatro, lembra que a função social de um griot também está atrelada ao berço, já que o griot nasce griot. Filho de Sotigui Kouyaté (falecido em 2010), ele é um bom exemplo do protagonismo desses agentes que transmitem a memória por um caminho secreto (que só os griots têm acesso) e rico em conhecimento.

– Ser um contador de histórias não é mais do que uma pequena arte da vida de um griot. Frequentemente, vemos pessoas que exercem funções de griot e que são cantores, atores, mas não é porque elas exercem as posições que serão consideradas griot. O pertencimento vai além.

Fonte: LUZ, Natalia. Por dentro da África. Disponível em <
<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/somos-mediadores-da-sociedade-e-utilizamos-a-palavra-como-o-principal-instrumento-diz-griot>> Acesso em: 3 abri. 2019.

Após apresentar a definição de *griot*, a professora conversou com a turma sobre a leitura realizada. Ela levantou as seguintes questões: “O que você entendeu do texto?” e “O conteúdo do texto apresenta alguma relação com a sua vivência?”. Em seguida exibiu uma apresentação de *griot* do Toumani Kouyaté mostrada pela TV Brasil. Posteriormente, a docente entregou para os estudantes uma folha que continha um *griot* contando sobre a história do surgimento da boneca Abayomi. A narrativa foi escrita pela autora desta pesquisa. O texto, que os alunos receberam, não apresentou título para não oferecer nenhum tipo de interpretação prévia do seu conteúdo.

Texto II

Abayomi

Autora: Aline Marques

Eu sou Zarina, hoje vim contar minha história.
Sou a primeira filha de Iana e Zaki
Que isso fique bem guardado na sua memória.
O significado do meu nome é “mulher de ouro”
Mas não significa que a minha vida foi glória.

Lekysha e Fayola foram os melhores presentes que ganhei.
Minhas filhas, minhas flores, meus doces, meus amores.
Sou uma mãe de sorte, palavras que sempre falei.
Era tão grata pelas minhas crianças, minhas meninas
Que elas só conheçam a alegria: implorei.

A felicidade era o que reinava no meu lar
Porém chegou o dia que as estrelas caíram do céu
Despencaram com os gritos dos que só sabiam chorar.
Foi o dia em que a mãe terra lacrimejou.
A natureza compadeceu dos que não conseguiam falar.

Uma dor imensurável se alastrou pelo meu ser.
Quando olhei para o chão e reconheci: eram meus pais.
Estavam mortos, eram só corpos, nada mais eu podia fazer.
Eu vi pessoas sendo mortas, pessoas sendo presas.
Chorei sem lacrimejar, gritei sem pronunciar, morri sem morrer.

Por um momento eu não estava mais presente.
Minha alma estava sendo esvaquiada repetida vezes.
Quando algo gelado envolveu meu corpo: eram correntes.
Fui empurrada, chicoteada, desprezada, humilhada.
Sem entender o que estava acontecendo, pedia alguém benevolente.

Gritei, chorei, implorei, mesmo assim nada adiantou.
Empilharam, como objeto, o que sobrou da minha família.
Naquele momento até a própria natureza se calou.
Nos navios podíamos ver que não havia mais futuro.
Que esperança era a palavra que o tumbeiro aniquilou.

O desespero estava estampado em cada olhar.
Tristeza e dor eram sentimentos que nos uniam.
Lekysha e Fayola eu não conseguia consolar.
Tínhamos nossa própria angústia, nosso próprio aperto.
Mas o pior era não conseguir as crianças acalantar.

Então por momento eu lembrei
Que as minhas meninas adoravam brincar.
Como eu queria ter pegado uma boneca pensei.
Foi vendo aquela aflição no olhar das pequenas
Que a dor veio mais forte. Chorei!

Entre a dor e as lágrimas rasguei meu vestido.
Arranquei duas tiras e fui dando nós nas pontas.
Os olhares em minha direção eram mantidos.
Entrelacei os retalhos e fiz a primeira boneca.
Quando olhei, vi que minha ação havia repercutido.

Depois que fizeram a leitura da história do surgimento da boneca Abayomi, a professora levantou, oralmente, as seguintes perguntas para os alunos: “O que apresenta o texto”, “Quais são as características presentes na leitura que nos mostram que se trata de um *griot*?” e “Qual versão apresentada da história da Abayomi o texto se relaciona? Por quê?”. Em seguida, a educadora passou uma tarefa que foi realizada em grupo. Os discentes escreveram um *griot* que tinha como tema a boneca Abayomi.

Na sétima atividade (décimo quinto dia), a professora entregou duas folhas que continham dois textos com algumas perguntas de interpretação sobre eles. No mesmo papel, havia espaço para colocar as respostas. A primeira narrativa foi adaptada da página da internet Afreaka. O segundo texto é uma tirinha do Armandinho, personagem de Alexandre Beck. O objetivo era trazer mais conhecimento acerca do conteúdo trabalhado e explorar a interpretação textual dos discentes.

Texto III

Boneca Abayomi

Autor: Kauê Vieira

Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim.

Sem costura alguma (apenas nós ou tranças), as bonecas não possuem demarcação de olho, nariz nem boca, isso para favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas. Inspirado pela tradição dessa arte histórica, a artesã e arte-educadora Cláudia Muller desenvolveu um trabalho único, e, com o objetivo de evidenciar a memória e identidade popular do povo brasileiro, valorizando a diversidade cultural que reina na terra brasilis, criou o projeto Matintah Pereira. A iniciativa produz versões próprias das Abayomi e promove oficinas tanto para ensinar o processo de criação quanto para discutir a importância histórica e social entorno das bonecas.

Waldilena Martins, ou Lena Martins para os mais chegados. Educadora popular e militante do Movimento das Mulheres, ela liderou a confecção das bonecas no Brasil no final dos anos 1980, ao mesmo tempo em que o Movimento Negro organizava uma marcha para lembrar os 100 anos da abolição. Em um cenário em que a questão ecológica estava se popularizando, o objetivo de Lena era fazer da arte popular instrumento de conscientização e sociabilização. Não demorou para que o trabalho fizesse sucesso e chamasse a atenção de mulheres espalhadas pelos quatro cantos do país. A aceitação foi tanta que em 1988 foi criada no Rio de Janeiro a Cooperativa Abayomi, plataforma fundamental para o fortalecimento da autoestima e reconhecimento da identidade afro-brasileira.

Por meio de um trabalho social e humanitário, a Cooperativa Abayomi está em constante diálogo com os movimentos negros, estudantil, sindical e religioso. O projeto

faz parte da rede nacional contra a violência à mulher e da rede de mulheres negras latino-caribenhas. Integram o time da Cooperativa Abayomi mulheres educadoras, psicólogas, terapeutas, que juntas organizaram um grupo de trabalho baseado na conscientização e socialização do indivíduo.

Fonte: VIEIRA, Kauê. Boneca Abayomi. Afreaka. Disponível em <
<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>> Acesso em: 5 abr. 2019

As perguntas referentes ao primeiro texto foram: “O que apresenta o texto?”, “Como o título Boneca Abayomi se relaciona com o conteúdo do texto?” e “Qual era a intenção de Lena Martins quando liderou a confecção das bonecas?”. A proposta de reflexão feita foi: “Releia essa afirmação do texto: “as bonecas não possuem demarcação de olho, nariz nem boca, isso para favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas”. Explique a importância desse reconhecimento.”



Figura 1.2 tirinha do Armandinho, personagem de Alexandre Beck.

Perguntas referentes ao segundo texto: “O que apresenta o texto II ?” e “Como os textos I e II se relacionam?”.

Na oitava atividade (décimo sexto e décimo sétimo dias), a docente apresentou as características do gênero textual entrevista conforme Diana (2018). Ela exibiu, oralmente, que a entrevista é um dos gêneros textuais com função geralmente informativa veiculada, sobretudo, pelos meios de comunicação: jornais, revistas, internet, televisão, rádio, dentre

outros. Há diversos tipos de entrevistas dependendo da intenção pretendida: a entrevista jornalística, entrevista de emprego, entrevista psicológica, a entrevista social, dentre outras. Elas podem fazer parte de outros textos jornalísticos, por exemplo, a notícia e a reportagem. Trata-se de um texto marcado pela oralidade produzido pela interação entre duas pessoas, ou seja, o entrevistador, responsável por fazer perguntas, e o entrevistado (ou entrevistados), quem responde às perguntas.

Em seguida, a educadora expôs no quadro as características do gênero textual entrevista. Os estudantes copiaram no caderno de Língua portuguesa. O intuito era reforçar o conteúdo. A parte escrita apresentada na lousa foi:

- Textos informativos e/ou opinativos;
- Presença do entrevistador e do entrevistado;
- Linguagem dialógica e oral;
- Marca do discurso direto e da subjetividade;
- Mescla da linguagem formal e informal.

Posteriormente, a professora exibiu a entrevista de Lena Martins que foi concedida ao programa Cultne em 14 de abril de 2018 na TV Alerj. Seguidamente, indagou, oralmente, aos alunos: “O que apresentou o vídeo?”, “Por que podemos afirmar que o vídeo apresentado é uma entrevista?” e “Quais foram as novas informações que vocês aprenderam sobre a boneca abayomi?. Os discentes contestaram as perguntas oralmente.

Depois de conversar com os alunos, a professora dividiu a turma em grupos para escreverem em uma folha de papel cinco perguntas para Lena Martins. Em seguida, a educadora recolheu os trabalhos e leu para todos o que foi escrito. Os estudantes escolheram quais perguntas iriam para uma possível entrevista com a artesã. Junto com os discentes, a docente selecionou cinco indagações para fazer à criadora da boneca Abayomi. No entanto, os alunos acreditavam que seria uma entrevista hipotética.

A nona atividade (décimo oitavo dia) foi a culminância do projeto. Os trabalhos que foram desenvolvidos durante as etapas da pesquisa ficaram expostos. A docente e os alunos ornamentaram a sala de aula com todas as atividades realizadas. A professora conversou com os discentes sobre todas as atividades que fizeram durante o projeto. Em seguida, os estudantes apresentaram o *griot* que foi confeccionado anteriormente. Posteriormente, a

docente apresentou um material para confeccionar uma boneca Abayomi. A educadora sentou com os alunos em roda e ensinou a fazer o artefato e transformou a sala de aula em uma oficina de Abayomis. Ela colocou na parede imagens pequenas como orientações para fazer o artefato.

O material de apoio estava impresso em quatro folhas e colocado na parede ao redor da sala. O objetivo era facilitar, mostrando, separadamente, o passo a passo para fazer a boneca. A seguir está o que foi utilizado.

Folha 1.

Materiais necessários

Tecido preto (malha) de 35 cm x 2 cm
Tecido preto (malha) de 15 cm x 2 cm
Tecido colorido de 14 cm x 6 cm
Tirinhas finas de tecido colorido (02)

Como fazer a boneca Abayomi

1. Para fazer uma bonequinha de mais ou menos 9 cm, corte uma tira em tecido preto de 35x2 cm, uma tira de tecido preto de 15x2cm, um retângulo em tecido colorido com 14x6cm e duas tirinhas finas coloridas.



Figura 1.3 material para fazer a boneca Abayomi

Folha 2.

1. Estique o tecido e dê um nó em cada ponta.



Figura 1.4 tecido para o corpo da boneca

Folha 3.

2. Agora dobre ao meio e dê um nó, fazendo a cabeça da boneca.



Figura 1.5 tecido com nó para fazer o corpo da boneca

Folha 4.

3. Estique o tecido preto menor, coloque a tira por trás da boneca e dê um nó logo abaixo da cabeça.



Figura 1.6 corpo da boneca

Folha 5.

4. Faça um nozinho na ponta de cada braço.



Figura 1.7 corpo da boneca finalizado

Folha 6.

5. Faça um nozinho na ponta de cada perna.



Figura 1.8 mãos e pés da boneca

Folha 7.

6. Pegue o pedaço de tecido colorido, dobre ao meio duas vezes e corte a pontinha da dobra.



Figura 1.9 tecido para roupa da boneca

Folha 8.

7. Vista a roupa na boneca, amarre a tirinha na cintura e outra tirinha na cabeça.



Figura 1.10 Boneca Abayomi finalizada com roupa

Em seguida, foi exibida a entrevista feita pela docente com a Lena Martins. A conversação foi realizada na casa da artesã. Depois a professora apresentou slides contendo algumas fotos relacionadas com o que foi abordado durante a realização do projeto.

Slide 1.

Livro escrito por Lena Martins



Figura 1.11 Livro “Vida que voa”

Slide 2.

Abayomi feita para uma premiação



Figura 1.12 Abayomi feita para uma premiação

Slide 3.

Vovó Abayomi



Figura 1.13 Vovó Abayomi

Slide 4.

Abayomi pequena.



Figura 1.14 mini Abayomi

Slide 5.

Bebê Abayomi



Figura 1.15 bebê Abayomi no berço

Slide 6.

Oficina de bebê Abayomi ministrada por Lena Martins



Figura 1.16 Lena Martins



Figura 1.17 oficina de bebê Abayomi

Slide 7.

Bebê Abayomi feito na oficina



Figura 1.18 bebê Abayomi

Slide 8.

Agradecimento à Lena Martins



Figura 1.19 Agradecimento à Lena Martins

No final da apresentação dos slides, a educadora abordou sobre o livro “Vida que voa” que foi escrito por Lena Martins. Explicou que a artesã criou a narrativa e também participou da ilustração. Em seguida, pediu que cada aluno lesse uma parte do livro.

1.1 CONTRATEMPO

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa foram enfrentados diferentes obstáculos. A primeira dificuldade que surgiu foi a troca da diretora da escola em que foi realizado o projeto. No ano anterior, a professora havia combinado com a antiga dirigente do colégio o trabalho que faria no ano seguinte. Ela explicou todo o projeto e teve autorização para colocá-lo em prática. No entanto, com a saída da diretora a professora teve que esperar um mês para entrar a nova condutora, pois necessitava da autorização dela para iniciar a pesquisa.

A segunda atividade do projeto estava prevista para durar um único dia. Eram três temas que seriam debatidos cada um em um tempo de aula. Como são três tempos de aula de Língua Portuguesa em um dia, essa tarefa era para ter terminado no mesmo dia. Entretanto, os alunos trouxeram muito material para debater com os colegas e se mostraram entusiasmados com o debate. O primeiro debate durou dois dias, o segundo e o terceiro duraram um dia cada. Isso porque a professora interrompeu para não prolongar por mais tempo.

A aplicação do projeto não foi realizada em dias corridos, pois durante o desenvolvimento aconteceram distintos impedimentos. Metade dos alunos faltou três dias de aula porque teve operação da polícia na favela em que eles vivem. Por conta disso, os estudantes não puderam sair de casa. A chuva forte ocasionou a falta da maioria dos discentes em dois dias de aula. As atividades eram realizadas com a ausência de no máximo um discente. Então, era necessária a presença da maioria.

Outro problema enfrentado foi com o material didático da escola, pois cada bimestre os estudantes ganham uma nova apostila que deve ser preenchida durante o mesmo bimestre do recebimento. Para não atrasar o material escolar, que ocasionaria reclamações por parte da direção, a educadora não pôde realizar as atividades do projeto por quatro dias.

No decorrer da sexta atividade, a educadora exibiu um vídeo de uma apresentação de *griot* Toumani Kouyaté, exibida pela TV Brasil. Entretanto, o dia que estava marcado para mostrar o audiovisual, o projetor da escola não funcionou. Isso acarretou o atraso de dois dias do projeto, pois o vídeo era fundamental para a próxima tarefa.

A escola onde foi desenvolvida a pesquisa realiza, anualmente, uma gincana entre os alunos que são coordenados pelos professores. Essa dinâmica ocorria sempre no último bimestre, mas a nova diretora fez outro calendário e antecipou a gincana do colégio para o terceiro bimestre. Então a preparação para a competição aconteceu no segundo bimestre isso atrapalhou um pouco o desenrolar do projeto, mas a professora conseguiu contornar a situação. Ela dividiu o tempo entre a gincana e a pesquisa.

CAPÍTULO 2. REFERENCIAL TEÓRICO

O Brasil é constituído por uma sociedade preconceituosa, que pratica a discriminação e atos de racismo com frequência. Pessoas que não apresentam o padrão, que é estabelecido pela sociedade, são inferiorizadas. O modelo humano, valorizado socialmente, é homem, branco, heterossexual e cristão. Os indivíduos que não se encaixam nessa descrição são, constantemente, desvalorizados. As crianças aprendem antes de ir à escola o que é preconceito, pois o conceito está presente, ainda que veladamente, nos espaços de socialização.

São, frequentemente, escutados comentários pejorativos como: “Isso é coisa de preto”; “Até que você é negra bonita”; “Só podia ser preto mesmo”; “Não sou tuas negas”; “Da cor do pecado”; “A coisa está preta”. Essas expressões são usadas com tanta naturalidade que, às vezes, as pessoas não percebem a conotação negativa do negro. Algumas palavras também apresentam essa inferiorização. O vocábulo “denegrir” é sinônimo de difamar e possui em sua raiz o significado de “tornar negro” visto de maneira maldosa e ofensiva.

Fazer ficar mais negro; tornar escuro; obscurecer, obscurecer-se. [Figurado] Manchar a reputação de; difamar: os boatos denegriram a imagem da empresa; ele se denegriu com o escândalo de corrupção. Reduzir a transparência de; manchar-se: denegrir um tecido. Etimologia (origem da palavra *denegrir*). De + *negr*, de negro, + *ir*. (RIBEIRO, 2019).

Existem inúmeras palavras e expressões em que o “negro” representa algo insultuoso, desfavorável e até mesmo ilegal. Como: “mercado negro”, “lista negra” e “ovelha negra”. Já o branco é visto como algo positivo. Como por exemplo, a expressão: “inveja branca” que socialmente é conhecida como a “inveja boa”. Essa ideia reforça que o oposto é algo ruim, fortalecendo a naturalização do racismo.

Os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, internet, etc) também contribuem para a desvalorização do negro, pois o apresenta em condições de inferioridade social. A televisão é um espaço que apresenta a construção do real, por isso acaba reforçando estereótipos sobre o negro na sociedade. Enquanto isso ocorre, pessoas brancas aparecem em profissões consideradas socialmente de prestígio.

O racismo é resultado e reflexo da escravidão. Esse processo escravizava os negros para trabalharem na edificação do país. Eles não eram tratados com o mínimo de dignidade e de respeito, sempre sendo vistos de forma inferior. De acordo com Silvério, o racismo:

Refere-se não somente a todas ações e inações, a todos os sentimentos e silêncios que sustentam a subordinação “negra”, mas também a uma estrutura de esquizofrenia que todo povo “branco” tem, no sentido da totalidade da experiência de seu ser no mundo. Em resumo, todos os povos “brancos” estão universal e inevitavelmente adoecidos pelo racismo. (SILVÉRIO, 1999.p.67)

Para entender o que é racismo é necessário abordar sobre o significado de: preconceito, discriminação e racismo. São palavras que estão interligadas, mas são distintas. A primeira pertence ao campo mental, acontece na sociedade, mas não discrimina. A segunda são ações baseadas no preconceito, promovendo a separação de indivíduos ou grupos. A terceira parte da teoria supremacista, podendo provocar ódio entre as pessoas e até causar extermínio. Conforme Oliveira e Costa:

Preconceito: conceito ou opinião formada antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; julgamento ou opinião formada sem levar em conta os fatos que o contestem. Trata-se de um pré-julgamento, isto é, algo já previamente julgado.

Discriminação: separar; distinguir; estabelecer diferenças. A discriminação racial corresponde ao ato de apartar, separar pessoas consideradas racialmente diferentes, partindo do princípio de que há raças “superiores” e “inferiores” – o que ficou definitivamente comprovado pela ciência que não existem. Nós, seres humanos, fazemos parte de uma única espécie – o *Homo sapiens*. Racismo: teoria que sustenta a superioridade de certas “raças” em relação a outras, preconizando ou não a segregação ou até mesmo a extinção de determinadas minorias. (COSTA; OLIVEIRA, 2016, p.322)

Essa forma de hostilidade é uma construção social. No entanto, é algo reversível. É necessário reconhecermos a existência do racismo na nossa sociedade e pensarmos em maneiras de diminuir esse problema. Segundo Paulo Freire (2001, p.68) “Não faz parte da natureza do ser humano a perversidade do racismo. Não somos racistas, tornamo-nos racistas assim como podemos deixar de estar sendo racistas”. Através da educação encontram-se formas de diminuir essa violência. Este trabalho apresenta um projeto escolar com atividades que valorizam a cultura afro-brasileira, trabalhando as questões raciais. Entretanto, deve-se reconhecer o racismo como algo existente, pois o termo “raça” quando se refere ao ser humano, biologicamente todos possuem a mesma (*Homo sapiens*). Todavia, socialmente, há diferenças.

O Brasil apresenta uma grande variedade de raças. Contudo, o termo “raça” não é utilizado em seu sentido biológico, mas sim compreendido em seus aspectos socioculturais. É uma maneira de caracterizar as pessoas por seus atributos físicos externos, geralmente a cor da pele. Conforme DaMatta:

De modo que para nós raça é igual à etnia e cultura. É claro que essa é uma elaboração cultural, ideológica, não tendo valor científico. Do ponto de vista biológico, a raça é uma variação genética e adaptativa de uma mesma espécie. Mas na conceituação social elaborada no Brasil, “raça” é algo que se confunde com etnia e assim tem uma dada “natureza”. (DAMATTA, 1997.p.84)

A constatação das diferentes raízes culturais na sociedade brasileira leva ao reconhecimento da pluralidade cultural que existe no espaço educativo da sala de aula. O Brasil possui um grande território e uma grande população que apresenta diferentes descendências. É necessário reconhecer que o contexto educacional não abrange, no currículo escolar, essa diversidade que está presente na vida social. Isso ocorre porque existe uma desvalorização de algumas culturas.

Segundo DaMatta (1986), uma das definições de cultura é a classificação de pessoas, grupos sociais, usada como instrumento discriminatório contra, por exemplo, a etnia. Quando se diz “os pretos não têm cultura”, estabelece-se uma relação preconceituosa e uma desvalorização da herança afro-brasileira. O autor defende que não existe indivíduo sem cultura e não há uma hierarquização das culturas, estabelecendo, dessa forma, a negação de sociedades superiores e inferiores.

No Brasil, o legado afro-brasileiro é pouco valorizado. O negro é considerado diferente e visto de uma forma inferior. Nesse país, não há leis segregacionistas, no entanto, a população negra permanece submetida a um lugar social em que o exercício de cidadania, comparado com a população branca, é mais precário.

Para Seyferth:

A classificação de brancos, negros e índios parece não constituir problema: a opinião da "ciência das raças" na sua versão brasileira e as concepções populares parecem coincidir tanto nas hierarquias como nos estereótipos. Em quase todas, o negro está situado no extremo inferior quando os critérios acionados estão referidos a traços fenotípicos e comportamento. (SEYFERTH, 1994.p.186)

A escola é um lugar de socialização que deveria trabalhar as distintas culturas, criando um ambiente social respeitoso. Dessa forma, as pessoas poderiam manifestar suas crenças, religiosas, sem ter medo de sofrer alguma represália. O espaço educacional é visto como ponto de encontro da diversidade social, étnica, sexual, de gênero e cultural. Por isso, o educador tem o dever de trazer reflexões acerca da pluralidade que compõe o ambiente

escolar. Dessa forma, o docente promoverá um lugar de desconstrução de preconceitos. Gomes afirma que:

A escola não é um campo neutro onde, após entrarmos, os conflitos sociais e raciais permanecem do lado de fora. A escola é um espaço sociocultural onde convivem os conflitos e as contradições. O racismo, a discriminação racial e de gênero, que fazem parte da cultura e da estrutura da sociedade brasileiras, estão presentes nas relações entre educadores/as e educandos/as. (GOMES, 1996, p. 69).

Dessa forma, nota-se que o preconceito não acontece só na relação entre os alunos, mas pode ocorrer na ligação entre discente e professor. Muitos docentes têm preconceitos e não discutem questões que permeiam a sociedade. O silêncio e/ou a negação das questões raciais também são frequentes. Muitas vezes, o educador percebe o racismo como parte da “natureza humana” e vê a pessoa negra como responsável pela sua propagação. É comum escutar frases como “O próprio negro é racista”, “Eles falam deles mesmos”.

Além disso, alguns professores tratam de forma negativa alunos negros. Existem docentes que utilizam termos como “aquela moreninha”, “aquele escurinho”, “aquela com cabelos cacheados” para referir-se a estudantes negros. Isso contribui para a perpetuação do racismo no ambiente escolar. Gomes salienta também que:

Não podemos negar que o número de educadores e educadoras atentos a essas questões tem aumentado nos últimos anos, porém a maioria ainda prefere discutir a escola somente do ponto de vista socioeconômicos. Tal atitude é reducionista, pois existem outras relações dentro da instituição escolar (...) não são apenas aqueles pertinentes à questão social. São também raciais e de gênero. (GOMES, 1996, p. 69)

Na maior parte dos colégios, as questões raciais são abordadas, somente, na data da Consciência Negra, 20 de novembro. Durante o ano essa problemática não é trazida para o espaço educativo. Diante da realidade racista que compõe a sociedade, é fundamental que as instituições de ensino promovam trabalho de conscientização no decorrer das aulas. Nota-se também que a escola é o ambiente onde acontecem os momentos de socialização dos alunos de distintas culturas e identidades. É nesse lugar que os indivíduos estabelecem um convívio harmonioso ou conflituoso.

As crianças e os adolescentes negros temem ser discriminados, com isso acabam atacando outros indivíduos para se protegerem ou fingem aceitar o que denominam “brincadeiras” para não demonstrar tristeza. Piadas preconceituosas sobre seu fenótipo e sua cor são constantemente escutadas nos corredores dos espaços educativos. O conteúdo da

escola auxilia essa propagação do preconceito, já que a história que se aprende é a dominação europeia e a submissão do africano. Como se os negros escravizados quisessem fazer parte desse processo.

As instituições de ensino costumam supervalorizar a cultural europeia e a estadunidense, esquecendo as manifestações das heranças de outros povos. Além disso, no que diz respeito à cultura referente ao continente africano cria-se uma repulsa. Isso não acontece só nas escolas, mas é reflexo do comportamento da sociedade. A África foi estigmatizada e coberta de preconceitos em decorrência disso os afro-brasileiros sofrem com discriminação e menosprezo da sua cultura cotidianamente. É dever dos profissionais da educação trabalhar no sentido oposto da exclusão social, desenvolvendo a consciência crítica, o respeito e a valorização da pluralidade cultural.

De acordo com DaMatta (1986, p.4), “a cultura permite traduzir melhor a diferença entre nós e os outros e, assim fazendo, resgatar a nossa humanidade no outro e a do outro em nós mesmos.” *Os PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural* orientam o docente sobre os temas e os subtemas que devem ser tratados em sala de aula. Eles preveem:

Para os alunos, o tema da Pluralidade Cultural oferece oportunidades de conhecimento de suas origens como brasileiro e como participante de grupos culturais específicos. Ao valorizar as diversas culturas que estão presentes no Brasil, propicia ao aluno a compreensão de seu próprio valor, promovendo sua autoestima como ser humano pleno de dignidade, cooperando na formação de autodefesas a expectativas indevidas que poderiam ser prejudiciais. Por meio do convívio escolar possibilita conhecimentos e vivências que cooperam para que se apure sua percepção de injustiças e manifestações de preconceito e discriminação que recaiam sobre si mesmo, ou que venha a testemunhar e para que desenvolva atitudes de repúdio a essas práticas. (BRASIL, 1997, p. 39)

Conforme a *LDBEN – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394*, de 20 de dezembro de 1996:

Dos Níveis e das Modalidades de Educação e Ensino Capítulo II Da educação Básica Seção I Art. 26^o
§ 4º O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia. (BRASIL, 1996)

Mesmo aparecendo como exigência na LDB, o ensino das culturas afro-brasileira e indígena nas escolas não ocorria. Para garantir esse ensino, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou, em 2003, a *Lei 10.639*, que tornou obrigatória a temática “História e

Cultura Afro-Brasileira” no currículo das escolas do país. Esta Lei foi modificada pela *Lei 11.645, de 2008*, também aprovada pelo ex-presidente, que prevê:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.
§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e histórias brasileiras. (BRASIL, 2008).

A implementação dessa *Lei* foi necessária para garantir um novo significado e mostrar a importância cultural das matrizes africanas que fazem parte da diversidade cultural do país. Os docentes devem ressaltar, em sala de aula, a herança afro-brasileira, apresentando os negros como sujeitos históricos, valorizando a cultura, os pensamentos, as religiões de matrizes africanas. Os professores fazem parte do combate contra o preconceito, a discriminação racial e o racismo.

A herança europeia é a que predomina nos estabelecimentos de ensino, privilegiando o branco. Mesmo o negro sendo grande parte da população brasileira, sua cultura é, normalmente, desvalorizada nas escolas. A *Lei* prevê uma mudança na realidade que está presente nos colégios. Essa nova abordagem é um instrumento possibilitador do combate ao preconceito racial. A *Lei* exige uma mudança no âmbito de todo currículo escolar, especialmente nas áreas de educação artística, de literatura e de história do Brasil.

Existe a necessidade de abranger as diversas culturas que estão presentes na nossa sociedade, valorizando e incluindo essas heranças nos espaços educacionais. Botelho afirma:

Aspectos da cultura afro-brasileira precisam ser percebidos e explorados por todos e todas que participam do sistema educacional brasileiro, como estratégia para minimizar os preconceitos, as discriminações e o racismo que imperam em nossa sociedade e atingem, sobretudo, estudantes negros e negras de nosso país (BOTELHO, 2007, p. 178).

O trabalho com os temas “Consciência Negra” e “Africanidades” é conteúdo curricular obrigatório. A boneca Abayomi é uma maneira de trabalhar esse conteúdo, pois ela resgata uma herança cultural. Costa, Rodrigues, Santos e Silva apresentam que:

Essas bonecas que são feitas de pedaços de tecidos preto, constituem uma ação didático-pedagógica que pode permear pelos caminhos da História num trabalho de construção e/ou resgate de identidades culturais, uma vez que, parte do princípio da ruptura de conceitos estéticos hegemônicos. (COSTA; RODRIGUES; SANTOS e SILVA, 2015, p.2)

As Abayomis são bonecas que não possuem demarcação no rosto, favorecendo o reconhecimento das múltiplas origens africanas. Elas podem ser produzidas com materiais aproveitados, como tecidos e fitas. Elas são feitas sem nenhuma cola ou costura, levando em seu corpo nós e tranças. O artefato foi criado pela artesã Waldilena Martins, mais conhecida como Lena Martins, em 1987. Ela, militante do movimento de mulheres negras, fundou com outras mulheres a Cooperativa Abayomi, enfatizando o resgate da identidade negra. A artesã transformou a boneca em um instrumento de conscientização, resistência e sociabilização.

Segundo David, Knaut e Ribas (2015, p.1), a palavra Abayomi “tem origem iorubá, e costuma ser uma boneca negra, significando aquela que traz felicidade ou alegria. Também significa encontro precioso (abay=encontro e omi=precioso).” Essas bonecas são feitas de retalho, não possuem costura e demarcações de olhos, nariz e boca e serviam como amuleto de proteção. Elas apresentam grande importância na história, pois Abayomi é uma forma de repassar e valorizar a herança cultural africana.

A boneca Abayomi é uma maneira de lembrar o passado, estimando a sua representação de força e poder. Esse símbolo de resistência colabora para uma aprendizagem interativa e pode ser trabalhado em diferentes disciplinas. É um modo lúdico de o docente poder apresentar a cultura afro-brasileira. Conforme Cruz e Silva:

É por este motivo que, trabalhar as relações étnicas raciais por meio da construção das bonecas abayomi, abre possibilidades para novas situações pedagógicas em que o aluno possa construir valores, transformar pensamentos discriminatórios, sem imposições. Construir seus conhecimentos e, acima de tudo, exercer seus atos de cidadania, compreendendo que somente pelo respeito ao próximo criará novos significados para transpor barreiras que ainda persistem nos espaços escolares acerca das relações étnicas raciais. (CRUZ; SILVA, 2012, p.4)

Existe a necessidade da inserção de novas metodologias na prática docente, implementando as outras culturas que estão presentes na sociedade. O projeto “Boneca Abayomi: cultura afro-brasileira nas escolas” desenvolveu atividades com uma turma de sétimo ano do Ensino Fundamental II. A pesquisa é uma forma alternativa para a superação da carência da valorização da cultura negra. As bonecas Abayomis contribuem para construção de uma aprendizagem dinâmica e prazerosa.

CAPÍTULO 3. CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS ESCOLAS

3.1 PESQUISA E DEBATE: PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E RACISMO

A primeira atividade do projeto (primeiro dia) foi uma pesquisa desenvolvida em casa. Os alunos receberam três temas que foram: preconceito, racismo e discriminação. Eles buscaram o significado de cada assunto abordado e, alguns estudantes, trouxeram exemplos dos temas na sociedade. Todas as anotações da pesquisa solicitada foram realizadas no caderno de Língua Portuguesa. Na aula seguinte, foi feita uma roda para debater a tarefa proposta.

A primeira discussão foi sobre o racismo (segundo e terceiro dia). Esse debate teve a duração de dois dias, ultrapassando o estipulado no projeto. Isso ocorreu, pois os discentes demonstraram interesse e trouxeram muitas informações sobre a pesquisa. A maioria exibiu o preconceito como o pré-julgamento sobre uma pessoa ou grupo com base em característica física ou estilo de vida. No entanto, alguns estudantes apresentaram que o tratamento diferenciado a uma pessoa por conta da sua cor de pele seria considerado preconceito. Os próprios alunos, que mostraram o preconceito como pertencente ao campo do pensamento, debateram que o tratamento diferenciado fazia parte do conceito de discriminação.

Posteriormente, falaram sobre os tipos de preconceito que pesquisaram. Foram abordados: preconceito com os negros (racismo); preconceito com as mulheres (machismo); preconceito com pobres; preconceito com LGBTs (homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia); preconceito com a aparência (gordofobia); preconceito com estrangeiros (xenofobia) e a professora abordou sobre o preconceito linguístico, que é quando se discrimina uma pessoa por conta de erros gramaticais ou diferença no sotaque.

O segundo debate (terceiro dia) foi sobre discriminação. Os alunos estavam entusiasmados com o resultado do primeiro debate e também demonstraram interesse no segundo conteúdo. Os discentes apresentaram a discriminação como tratamento diferenciado, como “a ação que alguém pratica por conta do preconceito”. Nesse momento, alguns alunos explicaram que a diferença do preconceito para a discriminação é que o primeiro “fica só no pensamento”, “o preconceito é só o achar” e a discriminação “vai além do preconceito porque já é a atitude”, mas enfatizaram que tudo está interligado.

A questão gênero foi traduzida por “sexo” pelos alunos. Começaram falando sobre sexismo (atitude discriminatória fundamentada apenas no sexo da pessoa), apresentando que o sexo feminino é muito mais atingido. Nesse momento a professora falou sobre misoginia (desprezo ou ódio contra as mulheres). Não foi trabalhada o termo do gênero com os estudantes. Uma aluna acrescentou falando sobre o feminicídio (assassinato de mulheres). Os discentes exibiram casos de feminicídio que foram para a mídia e uma aluna contou que ocorreu um caso na família dela. Outra aluna mostrou que o feminismo é muito importante, porque esse movimento social luta para se ter direitos iguais. A professora acrescentou dizendo que feminismo não é o oposto de machismo, já que o primeiro luta por igualdade e o segundo acredita na superioridade dos homens.

Em seguida, os estudantes falaram sobre a discriminação por conta da aparência física, dando ênfase na gordofobia. Mostraram que, por conta disso, as pessoas desenvolvem distúrbios alimentares como a anorexia (a falta ou perda de apetite) e a bulimia (provocação de vômito logo após ingerir alimentos). Abordaram que na indústria da moda isso acontece muito e que, na televisão, a maioria dos personagens são magros, e que isso é muito prejudicial, pois as pessoas “acabam não se aceitando”. Uma aluna de doze anos relatou que já sofreu vários apelidos por conta do seu peso e que, por isso, passou um tempo não gostando do seu corpo. Outros discentes disseram que também sofreram por serem magros de mais ou por serem baixos.

Posteriormente, debatemos sobre discriminação por conta da orientação sexual. Os indivíduos apresentaram casos que saíram nas mídias e relataram casos que presenciaram. Um discente contou que já foi chamado de “bichinha”, “veadinho”, “menininha” pelos colegas da escola porque ele fazia ballet, e que por isso acabou saindo da dança. A docente agregou ao debate a fala que o Brasil é um dos países que mais mata pessoas por conta da sua orientação sexual.

Adiante, os estudantes falaram da discriminação com pobres. Que mostra um sentimento de superioridade, geralmente nutridos por pessoas ricas. Apresentaram exemplos como: a existência de elevador social, que é de uso exclusivo de moradores do prédio e o elevador de serviço, que é para os empregados. Os indivíduos relataram casos que acontecem com pessoas da família. Uma aluna contou que a avó era empregada doméstica e que não podia usar os utensílios dos patrões e nem utilizar o banheiro que era considerado social.

Subsequentemente, os discentes apresentaram a discriminação com pessoas de outras culturas e origens, abordando que isso acontece muito com cidadãos oriundos do Nordeste. A professora explicou o conceito de etnocentrismo, que é quando o indivíduo valoriza tudo que está agregado à sua cultura e inferioriza qualquer outra. Os alunos encerram o debate sobre discriminação falando sobre cyberbullying. Esse último acontece na internet, com a difamação das pessoas nas redes sociais. Pode ocorrer intimidação, perseguição e sucede muito entre os jovens.

O terceiro debate (quarto dia) foi sobre o racismo. Essa discussão durou duas aulas, mas estava prevista apenas para uma aula. Contudo, os alunos demonstravam cada vez mais interesse pelo debate. Os alunos iniciaram explicando que racismo é a atitude discriminatória baseada na raça do indivíduo. Abordaram que, em nossa sociedade, o racismo está presente de distintas maneiras. Eles deram exemplos de quando uma pessoa não é contratada em um trabalho por ser negro e contaram diferentes casos ocorridos com seus familiares.

A docente contou sobre o regime de segregação racial, que aconteceu na África do Sul, o Apartheid. Falou também sobre a narrativa de Rosa Parks, que entrou para história como a “mãe do movimento pelos direitos civis” nos Estados Unidos. Uma costureira que desafiou a lei segregacionista entre negros e brancos, recusando-se a levantar do assento em um ônibus para um homem branco sentar. Os estudantes ficaram perplexos com os relatos apresentados, pois acreditavam que nos Estados Unidos o racismo era mais “brando”.

Em seguida, a professora contou sobre uma reportagem feita pelo Jornal Extra, em agosto de 2015, denunciando ações da Polícia Militar do Rio de Janeiro. Os agentes removiam jovens negros do ônibus e os encaminhavam para o Centro Integrado de Atendimento à Criança e o Adolescente. Os alunos questionaram se os rapazes estavam fazendo algo de errado no transporte, mas a docente respondeu que eles estavam indo à praia. A professora indagou os discentes se havia relação entre as histórias mostradas e eles transmitiram que ambas se tratavam de atitudes racistas. Um indivíduo relatou que seu primo já foi retirado do ônibus sem nenhum motivo aparente, e que agora com a discussão ele acredita que o seu familiar foi removido do veículo por ser negro.

A turma começou a refletir sobre o cotidiano escolar. Perguntaram se zombar do cabelo de alguém poderia ser considerado racismo. A professora questionou qual era o tipo de cabelo que eles estavam caçoando. Imediatamente, os estudantes entenderam como racismo e começaram a levantar outras questões dos traços físicos das pessoas. Contaram que em outra

turma há um menino que é chamado de “beirão”, mas que eles não o consideram negro, mas sim “moreninho”. Por isso achavam que isso não era racismo. A professora explicou sobre fenótipo dos negros e os alunos compreenderam que isso também poderia ser racismo.

Com o debate, pode-se observar que os discentes ampliaram o conhecimento acerca dos temas expostos. Eles se entusiasmaram contando sobre os conceitos pesquisados e refutando equívocos abordados pelos colegas de turma. Os relatos pessoais trouxeram mais proximidade dos assuntos, oferecendo uma melhor compreensão. Os estudantes entenderam que preconceito, discriminação e racismo são conceitos que estão interligados, mas que são conteúdos distintos. Zombar de características étnico-raciais das pessoas também é considerado racismo. Os alunos passaram a pensar nisso e disseram que não teriam mais essa atitude.

2.2 QUESTIONÁRIO

Após debaterem os conceitos de preconceito, discriminação e racismo, os indivíduos deram sequência ao desenvolvimento do projeto. A terceira atividade (sexto dia) do plano foi um questionário composto por quatro perguntas que foram respondidas individualmente pelos discentes. Eles foram orientados a não mostrarem o que estavam desenvolvendo para os colegas de turma. Essa tarefa foi escrita em uma folha separada, e em seguida, foi concedida à professora. O trabalho de contestar as indagações durou uma aula, o que havia sido estipulado, inicialmente, pelo projeto.

A primeira pergunta era: “Já sofreu algum tipo de preconceito racial? Comente”. Boa parte dos alunos respondeu que não ou que não se lembrava. Uma pessoa respondeu: “Basicamente não, mas às vezes brincam me chamando de coisas bobas, mas eu levo na brincadeira.” Isso traz a reflexão de quando as crianças “aceitam” determinados apelidos por temerem a discriminação ou por não querer demonstrar tristeza. O indivíduo que relatou isso considera uma “brincadeira”, mas entende que está sofrendo um tipo de preconceito, pois respondeu à pergunta.

A segunda pergunta era: “Já presenciou alguma atitude racista? Comente”. A maioria dos discentes respondeu que sim, que presenciou. Um aluno falou: “Já. Alguns conhecidos meus já falaram que todo negro é pobre, vive na rua e não tem futuro”. Outro aluno escreveu:

“Sim, eu presenciei isso no quarto ano, uma menina chamou a minha amiga negra de macaca. No início eu não sabia que era racismo, só descobri depois que minha amiga contou para a professora”. Um aluno redigiu: “sim. A gente chamava um aluno de beirão.” Outro contestou: “Sim. Quando eu tinha sete anos, perguntei pra minha amiga do transporte assim: Por que vocês são pretos? Não sei por que veio na minha cabeça essa pergunta, mas acho que fui racista.”

Através das respostas, pode-se observar que as atitudes racistas que os alunos presenciaram aconteceram na escola ou com a família. Notou-se também que alguns discentes entenderam que zombar de fenótipos do negro é considerado racismo, e que com isso os discentes refletiram sobre seus atos na sociedade.

A terceira pergunta era: “Em relação à nossa sociedade, você percebe diferenças no tratamento dado a pessoas brancas e pessoas negras? Comente”. Dos dezesseis alunos que responderam à essa pergunta, apenas um respondeu “não”, porém não esboçou nenhum comentário. Um indivíduo contestou: “Sim, as pessoas brancas muitas vezes são mais respeitadas e valorizadas do que as pessoas negras, por conta da sua cor. Muitos negros são mortos, agredidos ou xingados por conta da sua cor ou até mesmo demitidos, já que com os brancos não acontece isso.” Outro escreveu: “Sim. Porque os brancos são mais valorizados e têm mais benefícios do que os negros que têm dificuldades de achar emprego e ser aceito nele. Diferente do branco que são valorizados e conseguem emprego mais rápido.”

Além da desvalorização do negro, os alunos falaram da forma de tratamento. Um aluno apresentou: “Sim, os negros são tratados com muita arrogância e achados como bandidos e os brancos são tratados como se fosse o dono do mundo, com muito luxo e riqueza.” Outro estudante redigiu: “Sim. Normalmente as pessoas negras são tratadas como lixo e quase nunca são representadas de um jeito bom. Já os brancos são considerados os mocinhos, os sempre certos e relevantes.”

Através das respostas apresentadas pelos discentes, notou-se que a maioria percebeu diferenças no tratamento dado à pessoas brancas e pessoas negras. Boa parte dos alunos mostrou que o negro é desvalorizado enquanto o branco é valorizado. Também ressaltaram que são “tratados como bandidos”.

A quarta pergunta era: “Em sua opinião, que fatores contribuem para a existência de um número reduzido de negros nas universidades e em algumas áreas técnicas, científicas e

administrativas?”. Alguns responderam que não sabiam o motivo. Mas a maioria contestou que era por conta do racismo. Um aluno escreveu: “Acho que esse número é reduzido, pois as pessoas têm muito preconceito com os negros e muitas vezes acham que os negros não têm capacidade de entrar em uma universidade”. Outro indivíduo apresentou: “Porque o povo brasileiro é racista”. Um discente redigiu: “Porque as pessoas não aceitam negros nesses lugares”.

3.3 PESQUISA: BONECA ABAYOMI

A quarta atividade (sétimo e oitavo dia) do projeto foi uma tarefa de dever de casa. Os alunos levaram uma imagem da boneca Abayomi com o intuito de descobrir o que era o artefato. Nenhum dos discentes manifestou conhecimento quando recebeu a figura. O objetivo era pesquisar entre os familiares e os vizinhos se alguém sabia algo sobre aquela imagem. Na aula seguinte eles mostrariam as anotações realizadas.

Para iniciar a conversa sobre o trabalho, os alunos sentaram em roda para falar sobre os resultados encontrados. Foram diversas as respostas mostradas, como: “Acho que é do Nordeste”; “É vodú! Minha mãe acha que é macumba”; “As pessoas que eu perguntei falaram que é nega maluca”; “Pesquisei por bonecos de pano, mas não encontrei essa boneca”; “Acho que é para espantar alguma coisa ruim”; “Acho que é boneca de macumba”; “O estranho é que ela não tem rosto”; “Todos que eu perguntei não sabiam responder” e depois de um tempo uma aluna respondeu que era uma boneca Abayomi. Ela afirmou: “Meu tio é professor e conhece essa boneca. Ele me disse que é uma boneca Abayomi e que é africana.”

Os estudantes não conheciam a boneca e a maioria não encontrou o resultado correto da pesquisa. No entanto, uma discente conseguiu encontrar do que se tratava a figura. Em seguida, a docente contou três versões da origem do artefato. Duas versões que remetem à ancestralidade e uma versão contemporânea. Entretanto, reafirmou que a boneca é criação da artesã Lena Martins. Após apresentar as narrativas, a professora indagou aos alunos, oralmente, se existia relação entre o que foi pesquisado e as histórias abordadas. Com exceção da aluna que encontrou a resposta na pesquisa o restante da turma respondeu que não. Os discentes não se questionaram sobre o que eles encontraram como resposta.

Posteriormente, a professora perguntou: “Por que não conhecemos a boneca Abayomi?”. Foram distintas respostas apresentadas, como: “Porque não é da nossa época”; “Porque ela não está vendendo no mercado”; “Não vendem essa boneca”; “Porque elas são diferentes, as pessoas estão acostumadas com bonecas brancas”; “Porque as pessoas não querem bonecas negras”; “As crianças têm bonecas loiras e branquinhas, elas não têm bonecas negras”.

Pelas respostas dos discentes pode-se perceber que por ser uma boneca negra estava relacionada a algo ruim. Isso é reflexo de como o negro é visto, de modo pejorativo, na sociedade e tudo que está relacionado a ele também.

Em seguida, a docente indagou: “A boneca Abayomi pertence à cultura afro-brasileira?”. A maioria dos alunos respondeu que sim, mas uma pequena parte disse que não sabia responder. Os estudantes falaram que por ser uma boneca que representa o povo africano ela era das duas culturas (Brasil e continente africano). Também disseram que a artesã Lena Martins é negra e eles acreditavam que isso era importante. A partir das respostas, nota-se que os discentes estavam colocando em prática o que estavam aprendendo.

3.4 ESCRITA E ILUSTRAÇÃO

Na quinta atividade (nono dia) os alunos criaram uma história a partir do tema “Boneca Abayomi”. Posteriormente, fizeram a ilustração da narrativa realizada. Os discentes foram criativos na hora da escrita. Alguns se inspiraram nas versões coloniais que são populares na internet, afirmando que o artefato foi criado nos navios por pessoas escravizadas. Um aluno transformou a Abayomi em um anjo que ajuda as crianças, mas foi apagado da história por ser um anjo negro.

Dois alunos criaram uma história de terror com a boneca. Os dois textos acontecem no período colonial, mas apresentam discrepâncias. Em uma delas, o espírito de uma menina que foi escravizada entra no corpo da boneca para se vingar dos seus senhores, matando todos os portugueses que a maltrataram. No entanto, no final da narrativa o estudante adverte: “Essa história é apenas ficção e não retrata fatos reais”. O outro discente também escreveu que a

boneca era assassina, mas ao contrário do primeiro, ela não estava buscando vingança, e sim matava porque era do mal.

Nota-se que o primeiro texto, o aluno se preocupa em afirmar que aquela história não é real e existe também uma motivação para o assassinato, diferente da segunda escrita. Na outra narrativa o artefato estudado aparece de modo pejorativo, reforçando que tudo que está relacionado ao negro é visto como algo ruim. A maioria das histórias estava escrita em terceira pessoa do singular, mas um dos textos foi feito na primeira pessoa do plural e por isso chamou atenção, pois essa turma não tem o hábito de escrever dessa forma. O texto “A minha cor” foi escrito por uma aluna de doze anos.

Texto IV

A minha cor

Autora: aluna da turma 701

Vivíamos em uma aldeia que se chamava Nary. Vivíamos como uma família, muito solidária. Somos pobres, mas o que pudermos fazer pelos outros faremos. Me apaixonei por um homem maravilhoso. Nós casamos e ficamos muito mais unidos. Tive uma filha linda que cresceu muito saudável.

Certo dia, fomos atacados por feitores na nossa aldeia. Nossos homens morreram. O meu também. Estou tão triste! Mulheres e crianças também morreram. Foi o pior dia da minha vida. Os feitores me pegaram e outras mulheres junto com seus filhos.

Fomos para um navio e viramos escravos deles. Tinha muita criança chorando e também muitas mulheres grávidas. Minha filha gritava e chorava de medo. Quando fomos para baixo do navio foi pior, sofri muito por isso. Resolvi rasgar meu vestido e fazer uma boneca de pano, que a chamei de Boneca Abayomi.

Na narrativa, percebe-se que a autora se coloca como uma pessoa escravizada e traz como inspiração para sua história uma das versões apresentada pela professora. É possível notar uma sensibilidade quando ela se coloca como narradora-personagem e transcreve todo o

seu sofrimento. Ao final do seu texto, a aluna mostra o surgimento da boneca que nasce através da dor, mas como uma ponta de esperança.

Os discentes fizeram as histórias na sala de aula, mas a ilustração eles elaboraram em casa. Por conta disso, nem todos trouxeram no dia seguinte. Contudo, foram criativos nas representações das suas histórias. Segue abaixo o resultado das ilustrações que foram feitas pelos alunos do sétimo ano.



Figura 3. 1 ilustração da Abayomi 1



Figura 3.2 ilustração da Abayomi 2



Figura 3.3 ilustração da Abayomi 3

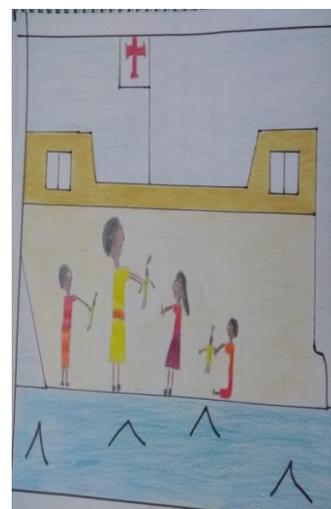


Figura 3.4 ilustração da Abayomi 4



Figura 3.5 ilustração da Abayomi 5

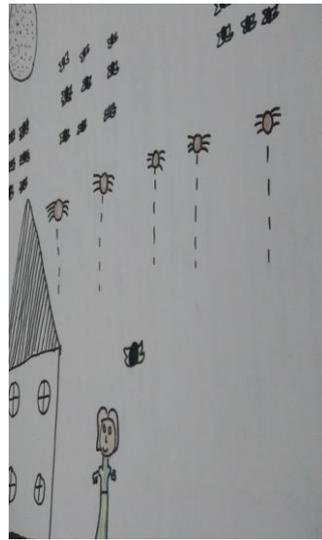


Figura 3.6 ilustração da Abayomi 6



Figura 3.7 ilustração da Abayomi 7



Figura 3.8 ilustração da Abayomi 8

Conforme são observados os desenhos, atenta-se que eles representaram a boneca Abayomi de acordo como foi mostrada: sem nenhuma costura, mas feita com nós e a maioria que desenhou o artefato não fez demarcação no rosto. Eles se entusiasmaram em criar as histórias, mas falaram que desenhar é muito difícil. A imagem 3.7 ilustração da Abayomi 7 é da história em que o artefato aparece como assassino. A figura 3.8 ilustração da Abayomi 8 é da narrativa em que a boneca é possuída pelo espírito da criança que se vinga.

3.5 ATIVIDADE: GRIOT

Na sexta atividade (do décimo dia ao décimo quarto dia), a docente apresentou o texto: “Somos mediadores da sociedade e utilizamos a palavra como o principal instrumento”, que foi publicada em 2013 no portal do Por dentro da África. Após a leitura, a educadora perguntou oralmente: “O que vocês entenderam do texto?”. Os alunos responderam que a leitura fala sobre o que é um *griot* e que isso é um a forma de repassar histórias africanas. Em seguida, foi realizada a seguinte pergunta: “O conteúdo do texto apresenta alguma relação com a sua vivência?”. Muitos responderam que não, mas uma aluna afirmou: “Minha avó me conta várias histórias, acho que é uma forma de me passar conhecimento. Acho que tem alguma relação sim com o texto.”

Em seguida, a educadora exibiu um vídeo de uma apresentação de *griot* do Toumani Kouyaté exibida pela TV Brasil. Posteriormente, a professora entregou o *griot* feito por ela e fez a leitura dele com os discentes. Os estudantes ficaram deslumbrados com o final da história. Todos reconheceram que se tratava da boneca Abayomi. Depois, a educadora levantou a seguinte pergunta: “O que apresenta o texto?”. Os alunos responderam que se tratava da narrativa que contava a história do surgimento da Abayomi.

Em seguida, a professora perguntou: “Quais são as características presentes na leitura que nos mostram que se dê um *griot*?”. Os discentes falaram sobre a estrutura do texto, a rima e o fato de contar uma história africana. Depois, a professora perguntou: “Com qual versão apresentada da história da Abayomi o texto se relaciona? Por quê?”. Os estudantes afirmaram que era com a versão que aparece a boneca sendo criado nos navios negreiros. Com as respostas pode-se entender que os alunos estavam compreendendo o conteúdo que estava sendo apresentado. Posteriormente, a educadora solicitou que sentassem em grupo e escrevessem um *griot* que contasse a história da boneca Abayomi.

Texto V

Abayomi

Autores: alunos da turma 701 (grupo I)

Zara tinha três filhas chamadas Daren, Nubia e Lany
Suas filhas gostariam muito de comprar bonecas
Pois queriam ter uma igual a de sua amigas
Mas Zara era muito pobre e não tinha dinheiro para isso
Ela via como as meninas estavam tristes e queria fazer algo para agradá-las.

Ela teve a ideia de fazer uma boneca de tecido
Mas não tinha dinheiro suficiente para comprá-los
E cada vez as meninas ficavam mais tristes
Até que ela teve uma ideia
“Por que não usar o tecido das minhas próprias roupas?”

Ela arranca uma faixa de sua roupa e junta com a outra
Dando nós e laços
Depois disso, ela entregou as bonecas para suas filhas
As meninas ficaram muito felizes e levaram as bonecas para a escola
Lá elas brincaram e se divertiram com as suas amigas.

Texto VI

Abayomi

Autores: alunos da turma 701 (grupo II)

Olá eu sou Zakirah e hoje contarei a minha história.
Meus irmãos se chamam Katchu e Matchu.
Depois me casei e engravidei de um casalzinho.
Morava na aldeia Tukumy.

Mas houve um dia que ninguém da nossa aldeia esperava.
Milhares de mães choravam vendo seus filhos sendo capturados.
Vendo nossa aldeia destruída e queimada.
Corri com o desespero cada vez mais me dominando.

E vendo o desespero de várias pessoas comecei a chorar.
Esperava o consolo de alguém.
Até que senti alguém me puxar com toda sua força.
Não consegui escapar.

E vendo que eu estava sendo afastada da minha família mais preciosa
Uma imagem partiu meu coração
Meus filhos também eram acorrentados.
Meus filhos vieram comigo, com uma dor profunda,
Sofrendo e desejando serem acalentados.

Cheguei num lugar que era sujo
E tinha outras mães tumultuadas com as crianças.
Víamos as nossas crianças tristes e começamos a rasgar nossos vestidos
E de nó em nó, fazíamos bonecas de pano.
Anos se passaram e fomos libertadas
Virei artesã e abri uma loja de artesanato.
Comecei a vender as bonecas de pano
E dei o nome de Abayomi.

Texto VII

Abayomi

Autores: alunos da turma 701 (grupo III)

Angã era rainha de um reino angolano.

Um dia foi levada ao Brasil pelos portugueses para ser escravizada.

Quando Angã chegou ao destino encontrou no caminho uma menina assustada.

Angã decidiu fazer uma boneca parecida com ela.

Angã não conseguiu entregar a boneca.

Ela passou anos servindo.

Um dia ela foi leiloada e o comprador era o dono daquela garotinha.

As duas ficaram muito amigas

Texto VIII

Abayomi

Autores: alunos da turma 701 (grupo IV)

Em uma tribo com o povo feliz

Havia uma família amada por todos

Essa família era da Adia e suas lindos filhos.

Até que em um dia obscuro

Adia ouviu um barulho estranho

Mas só sentiu uma coisa gelada, amarrando suas pernas.

Com muito medo foi arrastada até o navio.

Adia passou vários dias naquele navio.

E em uma tentativa de acalmara seus filhos que choravam em seus braços

Adia rasgou pano de sua própria roupa e com laços fez uma Abayomi.

Com as histórias nota-se que os alunos se inspiraram na versão colonial que aparece o artefato sendo criado nos navios negreiros. Também utilizaram o texto da autora desta pesquisa como estímulo. Os discentes apresentam em suas narrativas que são histórias africanas, aparecendo até pessoas que foram escravizadas, mas antes disso eram rainhas. Nesse momento, traz a reflexão que os discentes compreenderam que a escravidão não foi algo que foi “permitido” pelos negros. Como, em alguns lugares, gosta-se de tratar. A atividade foi realizada em grupo, mas as meninas foram mais proativas no desenvolvimento da tarefa.

3.6 ATIVIDADE: INTERPRETAÇÃO

Na sétima atividade (décimo quinto dia), a docente distribuiu uma folha que continha dois textos e perguntas de interpretação sobre eles. A primeira narrativa foi intitulada como “Boneca Abayomi” e a segunda era uma tirinha em quadrinhos do personagem Armandinho. Os discentes são acostumados a responderem os tipos de perguntas que foram apresentadas. Sobre o primeiro texto, a professora indagou: “O que apresenta o texto?”. Os discentes responderam que o conteúdo estava abordando sobre a história da criação da boneca abayomi. A segunda pergunta foi: “Como o título “Boneca Abayomi” se relaciona com o conteúdo?”. Os estudantes afirmaram que o conteúdo do texto apresentava a criação do artefato e por isso ele levava esse título.

A terceira pergunta foi: “Qual era a intenção de Lena Martins quando liderou a confecção das bonecas?”. Os discentes escreveram que “o objetivo de Lena era fazer da arte popular instrumento de conscientização e sociabilização.” Havia uma questão que era uma proposta de reflexão que era: “as bonecas não possuem demarcação de olho, nariz nem boca, isso para favorecer o reconhecimento das múltiplas etnias africanas”. Explique a importância desse reconhecimento. Nessa questão, três estudantes não souberam responder, mas os outros escreveram que era importante para todos os africanos se reconhecerem, não só as pessoas que nasceram no continente africano, mas era também para negros de outros lugares se identificarem.

No segundo texto, a professora questionou: “O que apresenta o texto II?”. Os alunos disseram que aparecia uma menina entregando um presente muito especial para um menino. Esse presente era uma boneca Abayomi. Afirmaram também que estava mostrando que o

menino era muito importante para outra criança, pois estava recebendo uma Abayomi. Na última pergunta a educadora escreveu: “Como os textos I e II se relacionam?”. Os estudantes disseram que ambos os textos apresentavam a boneca Abayomi. O primeiro contava a história e o outro ela aparece na tirinha de uma forma muito especial, pois é um presente.

As respostas dos alunos foram parecidas, isso mostra que eles estavam acompanhando o que estava sendo exibido. Nas suas escritas também aparece a boneca Abayomi como um objeto especial, isso influi que os discentes estavam tratando o artefato como algo valioso. Dessa forma, uma boneca negra estava sendo relacionada a algo bom, algo precioso. Comparando com as respostas na etapa da pesquisa da imagem da Abayomi, nota-se que antes, quando ainda ela era desconhecida, os discentes não a relacionavam como algo precioso.

3.7 ATIVIDADE: ENTREVISTA

Na oitava atividade (décimo sexto e décimo sétimo dia), a docente apresentou o gênero textual entrevista e expôs as características desse conteúdo. Em seguida, exibiu a entrevista de Lena Martins, que foi concedida ao programa Cultne, em 14 de abril de 2018, na TV Alerj. Os discentes ficaram admirados em ver a artesã que criou a boneca Abayomi. Posteriormente, a educadora indagou, oralmente, aos alunos: “O que apresentou o vídeo?”. Eles disseram que tinha muita coisa interessante. Que apareceu um pouco sobre a vida de Lena Martins e todo o processo de criação do artefato.

A professora continuou a atividade falando: “Por que podemos afirmar que o vídeo apresentando é uma entrevista?”. Os estudantes disseram porque há presença de perguntar feita por uma pessoa que é considerada o entrevistador e há uma pessoa respondendo, que nesse caso é a entrevistada Lena Martins. O último questionamento feito pela educadora foi: “Quais foram as novas informações que vocês aprenderam sobre a boneca Abayomi?”. Os alunos contestaram dizendo que viram a criadora da boneca, porque antes só sabiam o nome. Também conheceram o primeiro objeto que antes era chamado de boneca negra sem cola e sem costura. Uma pequena parte dos alunos não respondeu o que foi contestado.

Em seguida, a docente dividiu a turma em grupos e solicitou que escrevessem cinco perguntas para Lena Martins. Depois, leu os questionamentos e a turma elegeu cinco indagações para a artesã responder. Dessa forma, criaram uma entrevista para a criadora da boneca Abayomi. Os questionamentos selecionados foram: “A senhora se inspirou em algo ou alguém para criar a boneca?”, “A senhora acredita que essa boneca é um símbolo da luta negra contra o racismo?”, “O que mudou na sua vida depois da repercussão da boneca?”, “O que levou a senhora a criar as oficinas dos bebês Abayomis?” e “O que a senhora acha das lendas que se originaram a partir da boneca Abayomi?”.

3.8 ATIVIDADE: CULMINÂNCIA

No último dia do projeto, os alunos ornamentaram a sala com as atividades que realizaram durante a pesquisa. Colocaram os desenhos que fizeram relacionados à redação “Boneca Abayomi” na parede. A docente conversou com a turma sobre os trabalhos que fizeram. Um grupo de onze estudantes se manifestou, dizendo que gostou das atividades propostas. No entanto, três alunos não responderam e outros dois mexeram os ombros, dando a entender que as atividades não tiveram muita importância.

Em seguida, os alunos apresentaram, de maneira lúdica, os *griots* que criaram durante a pesquisa. O primeiro grupo fez uma apresentação de pagode. Eles levaram pandeiro e pediram aos outros discentes para baterem palmas enquanto eles cantavam o texto que escreveram. Todos ficaram animados com a apresentação. O segundo grupo fez do seu texto uma história de TV. As estudantes transformaram uma caixa em uma televisão. Uma aluna fazia a leitura do texto enquanto outra discente passava as imagens de acordo com as partes da escrita. Posteriormente, o mesmo grupo fez uma paródia do seu texto com a música “Baile de favela” do artista MC João.



Figura 3.9 tv com a Abayomi

O terceiro grupo fez a leitura em conjunto enquanto um dos componentes tocava violão. O quarto grupo não se preparou para a exposição do trabalho. Um aluno levantou e falou que eles não se organizaram e por isso não iriam apresentar. A professora pediu que eles fizessem a leitura do texto que criaram para que os outros estudantes conhecessem e eles fizeram.

Após o término da apresentação dos trabalhos, a professora sentou com os alunos em roda e ensinou a fazer uma boneca Abayomi. Primeiro, ela mostrou o material que seria utilizado e depois fez o artefato. A docente colocou na parede as folhas que mostravam o passo a passo para a criação da boneca e falou para os discentes que era um material de apoio. Em seguida, perguntou quem gostaria de fazer o objeto. Todas as meninas manifestaram entusiasmo para realização da atividade. Entretanto, somente um menino mostrou interesse em fazer a boneca. Isso infere na construção de que algumas coisas são feitas para as meninas e outras são feitas para os meninos.

A professora pediu para que todos permanecessem na roda, mesmo os que não fariam a Abayomi. Alguns alunos, que não queriam fazer o artefato, começaram a mostrar interesse conforme viam os outros fazendo a boneca. Um estudante disse: “Ah, já que eu vou ficar aqui, vou fazer também.” Outro afirmou: “Vou fazer para minha irmã”. Enfatizando que ele não ficaria com o artefato, mas que daria de presente para sua irmã. Isso leva a reflexão que por ser uma boneca o objeto é considerado para meninas. Por isso, ele poderia até fazer, mas apresentou como justificativa que daria a Abayomi para o sexo oposto.

Os discentes apresentaram dificuldade para fazerem a boneca. Duas alunas aprenderam com facilidade e, com o auxílio da professora, ajudaram os outros estudantes na construção da Abayomi. No final da atividade, somente três alunos não fizeram e nem demonstram interesse em criar o artefato. Dois dos discentes mencionados são os autores que criaram a redação, mostrando a boneca Abayomi de forma pejorativa.

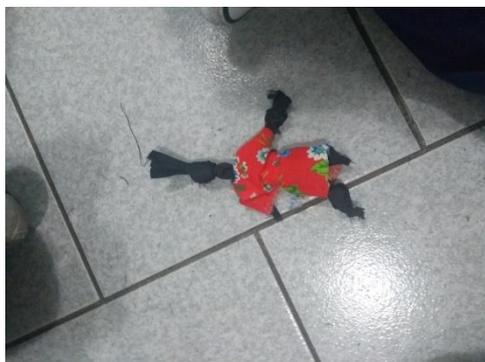


Figura 3.10 boneca Abayomi feita pelos alunos Figura 3.11 Abayomis feita pelos alunos

Após a realização da oficina de Abayomi, a docente exibiu a entrevista de Lena Martins. Todos demonstraram entusiasmo com o vídeo da artesã. Indagaram com muita exaltação: “Você conhece ela?”, “Você foi na casa dela?”, “Você falou da gente?”. A professora pediu para todos se acalmarem para ouvirem a entrevista e depois responderia as questões faladas. Eles assistiram ao vídeo, mas conversaram o tempo todo sobre o que estava sendo exposto. Algumas vezes, a docente pediu para que todos tivessem atenção, mas não durava um minuto porque já queriam comentar sobre o que Lena Martins estava falando.

Posteriormente, a apresentação da entrevista da artesã mencionada, a educadora pediu para que todos sentassem em roda, novamente, para a próxima atividade. Ela contou que foi na casa da Lena Martins e falou sobre o projeto que estava desenvolvendo com os alunos. Em seguida, mostrou o livro “Vida que voa”, que foi escrito pela artesã. Depois, cada estudante fez a leitura, em voz alta, de uma pequena parte do livro. A professora contou que foi escrito para a neta da criadora da boneca. A atividade foi finalizada com as apresentações dos slides.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa pode-se observar que os alunos não sabiam que alguns comportamentos que estavam tendo eram atitudes pejorativas. Foi a partir do debate que eles se deram conta que alguns procedimentos eram racistas. O debate pode esclarecer também a diferença entre preconceito, discriminação e racismo. Eles puderam relacionar os temas trabalhados com as vivências dentro e fora do espaço educacional. Isso possibilitou uma compreensão melhor das palavras pesquisadas.

As atividades com a boneca Abayomi possibilitaram um aprendizado de forma lúdica. Os alunos puderam vivenciar e valorizar, no seu cotidiano, elementos da cultura afro-brasileira. Dessa forma, além de colocar em prática a *Lei 11.645* que foi sancionada pelo ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o projeto valorizou o legado do negro.

Este trabalho possibilita novos estudos, pois a pesquisa poderá ser adaptada para outros anos do Ensino Fundamental II e para séries do Ensino Médio. Também existe a possibilidade de refletir, a partir dos resultados encontrados, em novas atividades com a boneca Abayomi.

Os conhecimentos adquiridos no Curso de Pós-Graduação em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação foram fundamentais para a criação do projeto que foi aplicado em uma turma de sétimo ano. Através do curso, a pesquisadora pode refletir o seu papel como professora negra dentro da sala de aula e com isso, desenvolver possibilidades para diminuir o racismo presente no espaço escolar.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, D. M. Lei 10639/2003 e educação quilombola: inclusão educacional e população negra brasileira. Salto para o Futuro (Online), v. 10, p. 34-39, 2007. In.: SILVA, José Romário Araújo da. Políticas Afirmativas de Inclusão: Relatos e Experiências na Creche Pedacinho do Amor- Gurinhém- PB.

BRASIL. Presidência da República. *Lei 11.645*, de 10 de março de 2008. Brasília, 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em 4.nov. 2018.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Pluralidade cultural, orientação sexual. Brasília: 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso em 2 nov. 2018.

_____. Presidência da República. *Lei 9.459*, de 13 de maio de 1997. Brasília:1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9459.htm>. Acesso em 2 nov. 2018.

_____. MEC. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394*, de 20 de dezembro de 1996. Brasília, 1996. Disponível em: < [http:// portal. mec. gov. br/ arquivos/pdf/ldb.pdf](http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf)>. Acesso em 31 out. 2018.

COSTA , Ricardo Cesar; OLIVEIRA, Luiz Fernando. Sociologia para jovens do século XXI. Rio de Janeiro : Imperial Novo Milênio, 2016.

COSTA, F. L.; RODRIGUES, R. P. A.; SABINO, R.; SANTOS, P. S. As Bonecas Abayomi e as Novas Sensibilidades Históricas: Possibilidades para uma Educação Anti-Racista. 2015.

CRUZ, C. da S.; SILVA, D. S. Bonecas Abayomi: uma proposta lúdica para trabalhar as relações étnicas raciais na escola. 2012. *Infoteca*. Disponível em: <<http://WWW.infoteca.inf.br>>. Acesso em 3 abril. 2019.

DAVID; RIBAS; KNAUT. Abayomi não é brinquedo! Eixo: práticas para ensino médio – formação de professores. 2015. Disponível em: <<http://WWW.opet.com.br/faculdade/revista-praxis/pdf>>. Acesso em 3 abril. 2019.

DAMATTA, Roberto. Você tem cultura? In:_____. *Explorações*: ensaios de sociologia interpretativa. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DAMATTA, R. Digressão: a fábula das três raças ou o problema do racismo à brasileira. In:_____. *Relativizando*. Rio de janeiro: Rocco, 1997. P.58 a 85.

DIANA, Daniela. Gêneros textuais entrevista. Disponível em: < <https://www.todamateria.com.br/genero-textual-entrevista/>>. Acesso em 10 de fev. 2019

FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Olho D'água, 2001.

GOMES, Nilma Lino. "Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade". Cadernos Pagu: raça e gênero, Campinas: Unicamp, v. 6-7, p. 67-82, 1996.

RIBEIRO, Débora. Dicionário online de Língua Portuguesa. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/denegrir/>> Acesso em: 3 abril. 2019

SEYFERTH, G. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, *Tempo Brasileiro*, n.93, p.175-203,1995. Disponível em: <dan.unb.br/images/pdf/anuário_antropologico/.../anuario93_giraldaseyferth.pdf> Acesso em: 5 fev. 2019.

SILVÉRIO, Valter Roberto. *Raça e racismo na virada do milênio: os novos contornos da racialização*. São Paulo. 1999